

5

CAPÍTULO

Constituição de amostras sociolinguísticas e o controle de variáveis pragmáticas

Jaqueline dos Santos Nascimento

Josilene de Jesus Mendonça

Débora Reis Aguiar

Leilane Ramos da Silva

5.1 INTRODUÇÃO

No modelo de polidez de Brown e Levinson (2011) a polidez constitui-se como um *continuum*, em que toda atividade verbal é contexto de polidez, podendo esta ser expressa em menor ou maior grau, visto que a interação ocasiona desequilíbrio das faces, sendo necessária a utilização de estratégias para evitar possíveis conflitos. A polidez linguística é fenômeno culturalmente variável, codificada a partir da língua em uso, sendo necessário, para sua compreensão, o controle de três variáveis pragmáticas: distância social dos interagentes, relações de poder e grau do custo da imposição relativo ao conteúdo proposicional dentro de determinada comunidade linguística.

Esse modelo de estudo das estratégias linguísticas de polidez permite a operacionalização necessária para os estudos sociolinguísticos, contribuindo para a análise da sistematicidade da variação linguística. Isso porque o controle

das variáveis pragmáticas atreladas à expressão da polidez, em conjunto com as variáveis sociais tradicionalmente controladas na sociolinguística (faixa etária, escolaridade, sexo/gênero), amplia a compreensão dos fenômenos linguísticos em variação, podendo possibilitar também uma compreensão mais ampla dos efeitos de variáveis não linguísticas no estudo da variação e mudança linguística.

Além de possibilitar o controle de variáveis pragmáticas, o modelo de polidez de Brown e Levinson (2011) também contribui para a formulação de metodologias de coleta de dados, possibilitando a constituição de bancos de dados linguísticos mais amplos em termos de categorias analisadas, considerando as relações sociopessoais.

Um exemplo dessa possibilidade de amplitude de amostra é o banco de dados *Falares Sergipanos* (FREITAG, 2013), que apresenta duas linhas de coleta: a de comunidade de fala (estratificação homogeneizada) e a de comunidade de prática (relações sociopessoais). A amostra de estratificação homogeneizada segue o padrão estabelecido nos bancos de dados sociolinguísticos brasileiros com informantes estratificados quanto às características sociodemográficas amplas, como sexo, faixa etária e nível de escolaridade. Já a amostra de relações sociopessoais seleciona os informantes a partir da prática.

Reconhecendo a importância da ampliação dos bancos de dados para a investigação de variedades linguísticas do português, objetivamos discutir a respeito das contribuições do modelo de polidez de Brown e Levinson (2011) para ampliar a compreensão dos efeitos de variáveis não linguísticas, a partir de propostas de coleta baseadas em relações sociopessoais, isto é, coleta que contempla as práticas sociais nas quais os indivíduos se engajam.

5.2 ESTRATIFICAÇÃO SOCIAL

A Sociolinguística Variacionista, a partir de uma abordagem quantitativa, visa identificar a sistematicidade na distribuição de variantes linguísticas, buscando estabelecer relações entre língua e sociedade por meio da correlação entre variáveis linguísticas e sociais (LABOV, 2008). O modelo laboviano, além de possuir base quantitativa, focaliza a análise linguística na dimensão social da variação e mudança, pressupondo técnicas de coleta de dados, bem como estratificação e seleção de informantes. Por permitir replicabilidade, o método da Sociolinguística Variacionista foi adotado no Brasil como modelo para a constituição de bancos de dados sociolinguísticos. Projetos pioneiros, como o Projeto da Norma Urbana Oral Culta do Rio de Janeiro – NURC-RJ; o Programa de Estudos sobre o Uso da Língua – PEUL e o Projeto Variação Linguística da Região Sul do Brasil – VARSUL, impulsionaram o uso de bancos de dados como fontes para a descrição do português brasileiro em diferentes regiões do país,

possibilitando a generalização e comparação de resultados, o que permite traçar um panorama linguístico, identificando regras estáveis e variáveis na comunidade linguística.

A estratificação social dos bancos de dados sociolinguísticos no cenário nacional, mais ou menos padronizada, considera categorias sociodemográficas amplas, como escolaridade, faixa etária e sexo/gênero. O controle de variáveis sociais mensuráveis, facilmente aferidas, otimiza os estudos sociolinguísticos, pois possibilita a replicabilidade, permitindo a comparação entre diferentes variedades linguísticas. (FREITAG; MARTINS; TAVARES, 2012). Amostras sociolinguísticas estratificadas a partir de fatores sociais clássicos, mais recorrentemente constituídas no âmbito dos estudos sociolinguísticos no Brasil, tomam como ponto de partida a noção de comunidade de fala, grupo de falantes que compactuam de valores e julgamentos associados à fala (LABOV, 2008). Segundo nomenclatura proposta por Eckert (2012), pesquisas em larga escala, com foco na descrição da estrutura, buscando identificar sistematicidade na relação entre a estrutura linguística e dinâmica social enquadram-se nos estudos sociolinguísticos de primeira onda.

Os estudos de primeira onda, analisando grupos de pessoas que compartilham crenças e atitudes linguísticas, possibilitam a identificação de tendências amplas, o que permite aferir atribuição de valores aos usos da língua dentro da comunidade de fala. Entretanto, segundo Freitag,

[a] metodologia de pesquisa da sociolinguística variacionista, a fim de desvelar relações sistemáticas entre a variação linguística e a dinâmica social, foi amplamente difundida e aprimorada, especialmente no cenário brasileiro, chegando a tal ponto que a abordagem tem focado cada vez mais a dimensão sistemática da mudança linguística, esvaindo-se os valores sociais associados à variação (2013, p. 159).

Na busca pelo valor social da sociolinguística, é necessário considerar a dimensão estilística da variação e da mudança; em outras palavras, é preciso analisar a adaptação dos usos linguísticos ao contexto imediato do ato de fala, observando os papéis sociopessoais (FREITAG, 2015). Os estudos que retomam o valor social da variação por meio da perspectiva estilística são considerados, de acordo com Eckert (2012), de terceira onda. Esses estudos sociolinguísticos de terceira onda continuam sendo de base quantitativa; porém, seu escopo de análise passa a ser as comunidades de práticas, buscando identificar categorias sociais que atuam no padrão linguístico.

É importante frisar que os estudos de primeira onda continuam tendo papel importante na sociolinguística brasileira, devendo ser mantida a constituição de bancos de dados estratificados a partir de categorias sociodemográficas amplas,

possibilitando a continuação de uma série histórica e a identificação de tendências amplas, além de possibilitar comparação em tempo real.

Segundo Freitag (2015), a formação de bancos de dados mais amplos que contemplem a junção das perspectivas social e estilística da variação aumenta o poder explanatório da análise de fenômenos variáveis. A entrevista sociolinguística, método mais difundido na constituição de bancos de dados linguísticos de orientação variacionista no Brasil, permite traçar características de um subgrupo social, permitindo generalizar resultados para uma determinada comunidade de fala. Já estudos que focalizam o papel do indivíduo dentro das comunidades de práticas permitem observar o nível estilístico da linguagem, possibilitando a análise de fatores pragmáticos presentes no contexto imediato do ato de fala, tais como hierarquia, dinâmica das relações, *personas* e imagem social.

Na seção seguinte, apresentamos as variáveis pragmáticas atreladas à expressão da polidez. Em seguida, descrevemos procedimentos de coleta, no âmbito do Grupo de Estudos em Linguagem, Interação e Sociedade – GELINS, que consideram variáveis sócio-pragmáticas, constituindo amostras piloto que integram metodologias de primeira e terceira ondas, buscando identificar padrões de emergência, bem como valores sociopessoais atrelados à variação e mudança linguística.

5.3 A EXPRESSÃO DA POLIDEZ E AS VARIÁVEIS PRAGMÁTICAS

Como destacamos na introdução deste capítulo, a polidez pode ser entendida como uma estratégia utilizada pelo falante para impedir, atenuar ou reparar eventuais ameaças à face do locutor ou interlocutor. Assim, para garantir o sucesso na interação comunicativa, os interagentes utilizam estratégias de polidez com o objetivo de preservar a “face”.

Dentre os modelos elaborados para analisar os efeitos de polidez, a saber: o de Robin Lakoff (1973), o de Geoffrey Leech (1983) e o de Penelope Brown e Stephen Levinson (2011), destaca-se o modelo de Brown e Levinson (2011), que segundo Kerbrat-Orecchioni (2006, p. 77) é o mais sofisticado, produtivo e célebre.

O modelo elaborado por Brown e Levinson (2011) toma como base a noção de “face” elaborada por Goffman (1981), isto é, entende “face” como a autoimagem pública que cada um constrói de si e que quer proteger dos possíveis danos durante uma interação. A partir dessa noção, os autores ampliam o conceito de “face”, que pode ser negativa ou positiva. A face positiva está relacionada à

autoimagem do indivíduo, o desejo do ser humano de ser estimado, aprovado, admirado, aceito; a face negativa está relacionada à autopreservação, representa o desejo de uma pessoa em não sofrer imposição, de preservação do espaço pessoal, de ter sua liberdade de ação.

Na perspectiva da teoria da polidez, na interação, de alguma forma, os atos produzidos que são ameaçadores a uma e/ou outra face dos interlocutores presentes são denominados *Atos Ameaçadores de Face* (FTAs). De acordo com Brown e Levinson (2011), os FTAs podem ameaçar tanto a imagem negativa quanto a positiva de ambos os interlocutores.

Os FTAs são divididos em quatro categorias, cada categoria é definida a partir do tipo de face que ameaça: (i) atos que ameaçam a face negativa do locutor: atos que violam o território do falante, como aceitar ofertas; (ii) atos que ameaçam a face positiva do locutor: atos autodegradantes, como pedir desculpas; (iii) atos que ameaçam a face negativa do interlocutor: atos que violam o território do ouvinte, como ordem; (iv) atos que ameaçam a face positiva do interlocutor: atos que mostram uma avaliação negativa do falante de alguns aspectos da imagem positiva do ouvinte, uma crítica, por exemplo.

As interações são, pois, um lugar de conflito, uma vez que as faces são, ao mesmo tempo, alvo de ameaças e objeto de preservação constante. Assim, o falante, em resposta aos atos ameaçadores de face, utiliza estratégias de polidez. Segundo Brown e Levinson (2011), tais estratégias são divididas em estratégias de polidez positiva e estratégias de polidez negativa.

As estratégias de polidez positiva consistem em ações direcionadas à preservação da face positiva do ouvinte. Tais estratégias giram em torno de três objetivos: ressaltar o conhecimento compartilhado, a cooperação entre o falante e o interlocutor e mostrar simpatia pelos desejos do outro. Já as estratégias de polidez negativa são ações reparadoras que visam preservar a face negativa do interlocutor por meio de procedimentos linguísticos com a função de minimizar ou anular os efeitos de imposição de um FTA.

Segundo Brown e Levinson (2011, p. 76-78), o tipo de estratégia a ser utilizada na interação é influenciado por fatores contextuais. Assim, os autores vinculam a polidez à distância social (D) entre o falante (F) e seu ouvinte (O), ao poder relativo (P) que há entre eles e ao grau de imposição ou o risco (R) inerente ao ato que irá realizar. Kerbrat-Orecchioni (2006) também considera essas variáveis contextuais ao propor um aperfeiçoamento do modelo de polidez de Brown e Levinson. Vejamos, de forma resumida, cada uma dessas variáveis:

(i) Distância social (D) entre o falante e seu interlocutor – trata-se de uma dimensão simétrica de semelhança/diferença e refere-se ao grau de familiaridade e solidariedade entre o falante e o ouvinte, o que Kerbrat-Orecchioni (2006) chama de relação “horizontal”;

(ii) Poder relativo (P) que há entre os interlocutores – é uma dimensão social assimétrica e está relacionada ao poder que o falante exerce sobre o ouvinte e vice-versa, o que Kerbrat-Orecchioni (2006) chama de relação “vertical”. Brown e Levinson (2011) consideram que, em geral, há duas formas de poder: controle material (sobre distribuição econômica e força física) e controle metafísico (sobre ações dos outros, em virtude de forças metafísicas aceitas pelos outros), assim, o poder de um indivíduo surge dessas duas fontes, que podem sobrepor-se;

(iii) Grau de imposição (R) ou o risco inerente ao ato que irá realizar – é definido cultural e situacionalmente e refere-se aos riscos intrínsecos ao ato que irá realizar, ou seja, pode ser aprovado ou não pelo interlocutor.

Essa vinculação da polidez a variáveis contextuais permite a operacionalização necessária para os estudos sociolinguísticos, possibilitando análises sistemáticas da variação linguística. Ao controlar as variáveis pragmáticas atreladas à expressão da polidez (distância social, poder relativo e grau de imposição), juntamente com as variáveis sociais (faixa etária, sexo/gênero e escolaridade), as possibilidades de compreensão dos fenômenos linguísticos variacionais são ampliadas, pois além da correlação dos fenômenos linguísticos com o social, este controle permite a correlação com o contextual, isto é, com fenômenos pragmáticos.

Para que estudos desse tipo sejam desenvolvidos, é preciso uma metodologia de coleta de dados específica, que controle as variáveis sociolinguísticas e as variáveis pragmáticas. Dessa forma, observa-se que os estudos voltados para a polidez linguística com base no modelo de polidez de Brown e Levinson (2011) possibilitam uma ampliação na metodologia de coleta de dados e, conseqüentemente, na constituição de banco de dados, uma vez que, para se controlar as variáveis pragmáticas é necessário levar em conta alguns pontos fundamentais, como por exemplo, considerar a comunidade de prática¹ como unidade de análise, pois na comunidade de prática é possível controlar as relações estabelecidas entre falantes e suas implicações na dinâmica linguística.

Na seção seguinte, apresentamos coletas de dados do banco de dados do GELINS. As amostras constituídas consideram os fatores pragmáticos destacados no modelo de polidez de Brown e Levinson (2011).

¹ Entendemos comunidade de prática como “um conjunto de pessoas agregadas em razão do engajamento mútuo em um empreendimento comum”, definição estabelecida por Eckert e McConnell-Ginet (2010, p. 102).

5.4 AMOSTRAS PARA O CONTROLE DE VARIÁVEIS PRAGMÁTICAS

Nesta seção, apresentamos os procedimentos metodológicos adotados para a constituição da amostra *Rede social de informantes universitários de Itabaiana/SE* (ARAUJO; SANTOS; FREITAG, 2014), centrada em uma unidade de análise (comunidade de prática) e em uma proposta de hierarquização (redes sociais), possibilitando análises voltadas para o campo da Pragmática, por exemplo, os efeitos dos valores de polidez nos usos linguísticos. Descrevemos também a metodologia de coleta adotada na constituição de outras duas amostras que também consideram variáveis pragmáticas atreladas à expressão da polidez: *A fala de universitários de Lagarto/SE* (NASCIMENTO; CARVALHO; FREITAG, 2015), da comunidade de prática universitários lagartenses da UFS; e *Dados de fala de estudantes do Atheneu Sergipense* (ANDRADE et al., 2015), da comunidade de prática Colégio Estadual Atheneu Sergipense, ambas em processo de constituição.

A amostra *Rede Social de Informantes Universitários de Itabaiana/SE* (ARAUJO; SANTOS; FREITAG, 2014) é constituída por 32 interações conduzidas. As interações ocorrem entre dois informantes e são direcionadas por meio de cartões contendo diversas situações que conduzem a comunicação, daí o nome interações conduzidas. A amostra é formada pelas interações entre oito pessoas, divididas em dois grupos, composto por dois homens e duas mulheres cada, sendo que os integrantes de cada grupo possuem relação de proximidade entre si, mas não com os integrantes do outro grupo. Cada informante interagiu com quatro pessoas diferentes, duas vezes com cada pessoa, modificando o controle do tópico comunicativo. Essa configuração de coleta tem por objetivo captar nuances de polidez, controlando distância social, relações de poder, relações simétricas e assimétricas de sexo/gênero, bem como o custo da imposição, controlado por meio dos temas presentes nos cartões. Além disso, essa proposta metodológica de coleta evita o efeito gatilho, presente nas entrevistas sociolinguísticas tradicionais.

A amostra *A fala de universitários de Lagarto/SE* é constituída por vinte entrevistas sociolinguísticas, com faixa etária dos entrevistados variando entre 18-29 anos. A coleta das entrevistas apresenta algumas peculiaridades, primeiramente em relação aos entrevistadores que são dois: um homem e uma mulher. Cada entrevistador fez a coleta de dez entrevistas: cinco com informantes mulheres e cinco com informantes homens.

Outro fator diferencial dessa amostra em relação a outras amostras sociolinguísticas feitas com entrevistas foi a seleção dos informantes, selecionados em função: (i) do nível de escolaridade – ser graduando da Universidade Federal de Sergipe; (ii) da cidade em que reside – ter morado em Lagarto a maior parte

da vida; (iii) da relação estabelecida com o entrevistador – manter uma relação de grau neutro baseado na proposta de controle de Goffman (1981) e de Oushiro (2011), adaptada por Araujo (2014):

Grau 1 – Bastante próximo. Os informantes possuem laços fortes (amizade, parentesco, colega de trabalho ou escola etc.) e interagem diariamente;

Grau 2 – Próximo. Os informantes interagem frequentemente, mas não possuem laços fortes;

Grau 3 – Próximo. Os informantes não interagem frequentemente e não possuem laços fortes;

Grau 4 – Neutro. Os informantes se conhecem, mas não interagem com frequência;

Grau 5 – Distante. Os interlocutores não se conheciam anteriormente e só conversaram no momento da gravação da interação. (ARAUJO, 2014, p. 48, grifo nosso).

Dessa forma, cada informante entrevistado tem uma relação “neutra” com o entrevistador, ou seja, não mantém contato diário, mas também não são desconhecidos.

Considerando que o tipo de relação que há entre os falantes influencia na escolha das estratégias linguísticas a serem utilizadas (BROWN; LEVINSON, 2011), o critério do grau de proximidade é estabelecido a fim de evitar resultados distorcidos em relação a outras variáveis, como por exemplo, o sexo/gênero, uma vez que o grau de proximidade pode influenciar no comportamento linguístico:

Os usos linguísticos de um indivíduo estão fortemente correlacionados com a distância social existente entre este e o seu interlocutor. Isso significa dizer que, se um indivíduo possui um grau de proximidade forte com um interlocutor e um grau de proximidade fraco com outro, o seu comportamento linguístico na interação com cada um deles será, provavelmente, diferente em decorrência do tipo de relacionamento existente (ARAUJO, 2014, p. 46).

Assim, o controle do grau de proximidade entre entrevistado e entrevistador possibilita mensurar efeitos do comportamento linguístico em contextos pragmáticos diferenciados.

A amostra *A fala de universitários de Lagarto/SE*, por considerar o grau de proximidade entre os interlocutores e as relações simétricas/assimétricas de sexo/gênero (mulher-mulher, mulher-homem, homem-homem, homem-mulher), permite uma descrição mais detalhada de fenômenos linguísticos em variação, possibilitando uma compreensão mais ampla desses fenômenos.

A amostra *Dados de fala de estudantes do Atheneu Sergipense* é parte do banco de dados Falares Sergipanos (FREITAG, 2013), e toma como ponto de partida o conceito de comunidade de prática adotado por Eckert e McConnel-Ginet (2010) em que um grupo de pessoas compartilham um empreendimento social comum. O Colégio Estadual Atheneu Sergipense configura-se como uma comunidade de prática, pois há pessoas engajadas na construção do conhecimento, especificamente do conhecimento necessário para conseguir uma vaga no ensino superior. A escola, localizada no Largo Graccho Cardoso, bairro São José, na zona Sul de Aracaju, Sergipe, foi considerada Centro de Excelência no ano de 2003 e nela hoje funciona um Centro de Estudos Experimentais, com a modalidade de educação integral. Com uma média de 1.021 alunos cursando o Ensino Médio, a escola é considerada uma das melhores escolas públicas do estado, tendo reconhecimento social pela qualidade do ensino público, sendo procurada por estudantes que almejam o acesso ao ensino superior. Segundo informações do secretário da escola, Reginaldo Oliveira Rodrigues, o índice de aprovação em cursos superiores é de 70% a 75% do total de alunos concludentes.

A amostra, pautada na necessidade de captar tendências amplas e, ao mesmo tempo, relações sociopessoais em uma perspectiva microetnográfica, é constituída por vinte entrevistas sociolinguísticas e 31 interações conduzidas. As entrevistas, coletadas de acordo com a metodologia clássica da sociolinguística, foram estratificadas por sexo/gênero; e os informantes, selecionados de maneira aleatória, de acordo com a disponibilidade e interesse em participar. Os informantes, para participarem das interações foram selecionados a partir da observação da comunidade por meio do critério de identidade de grupos. As redes ou grupos de estudantes foram constituídas a partir de pré-entrevistas, em que se pôde observar a centralidade da identidade do grupo do terceiro ano, marcada inclusive pela cor do fardamento escolar.

A partir da observação da comunidade de prática, notamos que os pequenos grupos identitários se organizam de acordo com a série escolar, primeiro, segundo e terceiro anos, sendo que a identidade do terceiro ano exerce liderança na constituição da identidade geral da comunidade de prática. Notamos ainda que o segundo ano se opõe ao prestígio do terceiro ano, demonstrando rivalidade, enquanto o primeiro ano, ainda se inserindo na dinâmica da escola, não possui uma identidade firmada em relação ao terceiro ano, pois se encontra em adaptação às identidades grupais já constituídas na dinâmica da comunidade de prática. Por conta desta etnografia, selecionamos dois microgrupos para realizar as interações, um do terceiro ano e outro do segundo, seguindo procedimentos metodológicos similares ao de Araujo, Santos e Freitag (2014); os dois microgrupos foram formados com quatro pessoas cada, estratificados por sexo/gênero.

Na primeira etapa da gravação das interações foram realizadas interações entre informantes do mesmo grupo, ou seja, interações entre pessoas com grau de relação próximo, conforme metodologia adotada na constituição da amostra *Rede social de informantes universitários de Itabaiana/SE* (ARAUJO; SANTOS; FREITAG, 2014), sendo realizadas dezesseis interações, oito em cada microgrupo. A segunda etapa das interações consistiria em interações entre informantes dos dois grupos, isto é, interações entre pessoas com grau de relação distante. Porém, a rivalidade de identidades entre os microgrupos fez com que o grupo do terceiro ano desistisse de realizar a segunda etapa das gravações. Para dar continuidade à pesquisa, selecionamos outro microgrupo do terceiro ano para realizar as interações com o grupo do segundo ano. Com o novo microgrupo formado, foram realizadas doze interações entre informantes com grau de relação distante; foram gravadas também três interações entre os informantes do novo microgrupo constituído, totalizando 31 interações.

A constituição da amostra *Dados de fala de estudantes do Atheneu Sergipense* demonstrou que o trabalho com relações sociopessoais requer mais tempo, organização e informantes dispostos a colaborar, sendo que nem sempre os resultados obtidos serão os esperados, haja vista a interferência de diferentes fatores como, por exemplo, a desistência dos informantes. No entanto, as 31 interações gravadas, embora não tenham seguido o modelo inicialmente proposto, possibilitam a análise de variáveis sócio-pragmáticas, inclusive a influência de identidades de grupo na constituição de amostras a partir de abordagem etnográfica, proporcionando a análise da relação entre os falantes e implicações na dinâmica linguística, além de possibilitar a comparação com dados extraídos das vinte entrevistas sociolinguísticas coletadas, permitindo comparar tendências amplas da comunidade de prática estudada com as relações de poder existente entre os informantes.

5.5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Embora os estudos sociolinguísticos clássicos sejam relevantes, principalmente por detectar tendências amplas em relação à variação e mudança, faz-se necessário aprimorar metodologias de coleta de dados, a fim de englobar a dimensão da comunidade de prática. A formação de bancos de dados que integrem a metodologia tradicional da sociolinguística, codificando variáveis sociais mensuráveis, ao controle de variáveis pragmáticas atreladas à expressão da polidez, por exemplo, pode ampliar a compreensão do funcionamento de fenômenos variáveis, além de possibilitar análises linguísticas de outra natureza como, por exemplo, pragmática.

Nesse sentido, o modelo de polidez de Brown e Levinson (2011) tem possibilitado uma ampliação na constituição de banco de dados, uma vez que

esse modelo tem permitido a formulação de metodologias de coleta de dados, por meio da inclusão do controle de variáveis pragmáticas como distância social dos interagentes, relações de poder e grau do custo da imposição. A inclusão do controle dessas variáveis, por sua vez, permite uma ampliação na compreensão dos fenômenos linguísticos em variação.

5.6 REFERÊNCIAS

ANDRADE, T. R. C. et al. *Dados de fala de estudantes do Atheneu Sergipense*. (banco de dados). Universidade Federal de Sergipe, 2015.

ARAÚJO, A. S. “*Você me faria um favor?*”: O futuro do pretérito e a expressão de polidez. Dissertação (Mestrado em Letras) – Programa de Pós-Graduação em Letras, Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão, 2014.

ARAÚJO, A. S.; SANTOS, K. C.; FREITAG, R. M. K. Redes sociais, variação linguística e polidez. In: FREITAG, R. M. K. (Org.). *Metodologia de Coleta e Manipulação de Dados em Sociolinguística*. São Paulo: Blucher, 2014. p. 99-116. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.5151/BlucherOA-MCMDS-8cap>>. Acesso em: 10 fev. 2016.

BROWN, P.; LEVINSON, S. C. *Politeness: some universals in language usage*. Cambridge: Cambridge University Press, 2011.

ECKERT, P. Three waves of variation study: the emergence of meaning in the study of sociolinguistic variation. *Annual Review of Anthropology*, Palo Alto, n. 41, p. 87-100, 2012.

ECKERT, P.; MCCONNELL-GINET, S. Comunidades de práticas: lugar onde co-habitam linguagem, gênero e poder (1992). In: OSTERMANN, A. C; FONTANA, B. F. *Linguagem. Gênero. Sexualidade*. Clássicos traduzidos. São Paulo: Parábola Editorial, 2010, p. 93-108.

FREITAG, R. M. K.; MARTINS, M. A.; TAVARES, M. A. Bancos de dados sociolinguísticos do português brasileiro e os estudos de terceira onda: potencialidades e limitações. *Alfa: Revista de Linguística*, São Paulo, v. 6, n. 56, p. 917-944, 2012.

FREITAG, R. M. K. Desafios teóricos-metodológicos da sociolinguística variacionista. In: PARREIRA, M. C. et al. (Org.). *Pesquisas em Linguística no século XXI: perspectivas e desafios teóricos-metodológicos*. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2015. p. 29-43.

GOFFMAN, E. *Forms of talk*. Pensilvânia: University of Pennsylvania Press, 1981.

KERBRART-ORECCHIONI, C. *Análise da conversação: princípios e métodos*. Tradução de Carlos Piovezani Filho. São Paulo: Parábola, 2006.

LABOV, W. *Padrões sociolinguísticos*. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

LAKOFF, R. *The logic of politeness: Minding your p's and q's*. Chicago: Chicago Linguistic Society, 1973.

LEECH, G. N. *Principles of pragmatics*. Nova Iorque: Taylor & Francis, 1983.

NASCIMENTO, J. dos S.; CARVALHO, R.; FREITAG, R. M. Ko. *A fala de universitários de Lagarto/SE*. (banco de dados). Universidade Federal de Sergipe, 2015.